

**Seminário de discussão sobre Contextualismo e Anti-Contextualismo na Filosofia da Linguagem contemporânea**

7 de dezembro de 2012

Projecto *The Bounds of Judgment – Frege, cognitive agents and human thinkers –*  
**Task 5 Articulation and Agency**

**The Context-Principle in Frege, Wittgenstein and in Semantic Contextualism**

Ana Falcato, IFL/UNL

**Pano de fundo da discussão teórica:**

Na Introdução aos *Fundamentos da Aritmética* (1884) Frege estabelece os três princípios metodológicos que vão guiar o seu projecto de fundamentação lógica da matemática: 1) separar sempre e claramente o psicológico do lógico, o subjectivo do objectivo; 2) nunca indagar sobre o significado de uma palavra tomada isoladamente, mas apenas no contexto de uma frase [*Satzzusammenhange*]; 3) respeitar a necessidade de separar conceito de objecto. A tradição analítica posterior vem chamar ao segundo princípio o Princípio do Contexto. Wittgenstein reafirmá-lo-á em *Tractatus Logico-Philosophicus* 3.3. e referir-se-lhe-á em *Investigações Filosóficas* §49.

Muito recentemente (2005), François Recanati vem apelar a uma adaptação histórico-conceptual desse princípio metodológico, supostamente assimilado pela filosofia tardia de Wittgenstein, para localizar a origem de propostas de Contextualismo semântico na filosofia da linguagem actual. E fá-lo, inclusive, citando um famoso *paper* de James Conant, de 1998, intitulado «Wittgenstein on Meaning and Use».

Nesta apresentação analisaremos por que é que a posição de Recanati não pode estar certa e como não faz justiça nem à dinâmica de pensamento do Wittgenstein tardio nem sequer ao propósito exegético do texto de Conant.

**Plataforma Problemática:**

**1) Frege:**

Frege concebeu os três princípios metodológicos como interrelacionados e mesmo interdependentes. Justifica isso da seguinte forma: «De acordo com o estabelecido no primeiro princípio, usei a palavra “ideia” sempre em sentido psicológico, e distingui sempre

ideias de conceitos e de objectos. Se o segundo princípio for desobedecido, somos quase forçados a tomar como significado para as palavras imagens mentais resultantes de um acto da mente individual e, bem assim, a ofender também o primeiro princípio» (Frege, 1987). E o que subjaz à defesa dos três princípios metodológicos nos *Grundlagen* é a própria teoria fregeana da primazia lógica do juízo sobre significados pré-frásicos – e isto mesmo está relacionado com o conteúdo do terceiro princípio metodológico. É por isso que Frege também escreve o seguinte: «Eu não começo por considerar conceitos e pô-los lado a lado para formar um pensamento ou um juízo: pelo contrário, chego às partes que constituem um pensamento pela análise do pensamento» (Frege, 1979).

No *Tractatus Logico-Philosophicus* (1922), Wittgenstein subscreve o segundo princípio metodológico dos *Grundlagen* de Frege, na proposição 3.3: «Only the proposition has sense; only in the context of a proposition has a name meaning».

## 2) O Wittgenstein das IF

Em IF 49, discutindo a relação de nomeação ou designação, Wittgenstein escreve: «A nomeação ainda não é um movimento no jogo de linguagem – tal como colocar uma figura do xadrez no seu local no tabuleiro não é um movimento no jogo de xadrez. Poderíamos dizer: ainda nada foi feito quando uma coisa foi nomeada. Ela nem sequer tem um nome, excepto no jogo de linguagem. Era também isto o que Frege queria dizer quando disse que uma palavra só tem significado como parte de uma frase».

Porém, mais do que re-asseverar a indispensabilidade do segundo princípio metodológico de Frege, introduzido para evitar os equívocos que já mencionámos, Wittgenstein está interessado em trazer à colação e explorar meticulosamente um novo paradigma de contexto. Ao longo das primeiras 85 secções das IF interessa-lhe explorar a relevância filosófica do tipo de contexto em que um elemento linguístico pode ser introduzido significativamente contra o *background* híbrido (quer dizer, linguístico e não-linguístico) de um jogo de linguagem. E esse “tipo” de contexto – e ao contrário do princípio do contexto dos *Grundlagen* – não representa uma mera regra semântica abstracta que sobredetermina as condições de significado de uma frase, mas o enquadramento particular de uma elocução.

## 3) Contextualismo Semântico

Num artigo de 2005 – “Literalism and Contextualism – some varieties” – François Recanati faz uma afirmação de forma bastante acrítica, mas que tem profundas consequências teóricas, e que eu vou aqui disputar. No texto de Recanati lê-se:

«According to the dominant position in the philosophy of language, we may legitimately ascribe truth-conditional content to sentences, independently of the speech act which the sentence is used to perform. This position, which I call 'Literalism', contrasts with another view, reminiscent of that held by ordinary language philosophers half a century ago. That other view, which I call 'Contextualism', holds

that speech acts are the primary bearers of content. Only in the context of a speech act does a sentence express a determinate content. **As James Conant (1998) pointed out, this is a Wittgensteinian extension of Frege's Context Principle.»**

**Porém, o conteúdo da última afirmação de Recanati – que é tudo menos uma assunção teórica inocente – é algo com que não posso concordar, por um lado, mas que merece ser analisado com detalhe, por outro.**

A questão axial no debate entre Contextualismo e Anti-Contextualismo na filosofia da linguagem contemporânea é saber se ou até que ponto estaremos legitimados a conceber o conteúdo semântico de frases ou elocuições de frases das línguas naturais como um tipo de conteúdo com condições de verdade independentes dos respectivos contextos de uso. Porém, o que está em questão no debate é a relevância de um outro tipo de contexto que não o *Satzzusammenhang* de que falava Frege nos *Grundlagen*.

No fundo, o que está verdadeiramente em questão dentro das propostas contextualistas é determinar – se isso for determinável – como é que o “contexto externo” ou o enquadramento de diferentes elocuições de uma mesma frase-tipo pode afectar o significado das respectivas partes constituintes e, desta forma, o seu significado ou valor de verdade total, constatando-se que há diferentes condições de verdade para as diferentes elocuições de uma mesma frase. Mais especificamente, o conteúdo de duas ou mais elocuições de uma mesma frase pode variar em função de diferenças entre os contextos em que são proferidas e essas diferenças não têm porque ser reféns de termos indexicais contidos na frase em questão ou de processos interpretativos prévios à fixação do conteúdo semântico total de uma frase *f*, apenas em função do valor semântico das respectivas partes componentes. Só este esboço genérico do principal desafio teórico representado pelo Contextualismo semântico já está em conflito com o Princípio do Contexto interno da Proposição, defendido por Frege.

No texto de 1998, «Wittgenstein on Meaning and Use», James Conant não entra, em absoluto, no debate teórico Contextualismo/anti-Contextualismo – na medida em que o propósito do seu *paper* é puramente exegético da obra tardia de Wittgenstein – e, por isso, não é imputável ao seu trabalho, uma tomada de posição teórica sobre o corrente debate na filosofia da linguagem.

### **Citações Relevantes:**

- 1) «I said before that later Wittgenstein generalizes Frege's context principle so as to apply not only to words (and their role within the context of a significant proposition) but to sentences (and their role within contexts of significant use, or – as Wittgenstein prefers to call them – language-games). Thus later Wittgenstein thinks that if we focus on a sentence and ask, apart from any consideration of the context of significant use, what does “it” mean, then we will unwittingly end up seeking its meaning in the realm of the psychological. [...] What constitutes your meaning thus-and-so by uttering a sentence is not your engaging in a psychological act [...] but your employing the

sentence in a context in which the sentence is able to do the (Frege and early Wittgenstein say: logical, later Wittgenstein says: grammatical) work of meaning thus-and-so. If one attempts to supply an answer to the question what the expression means apart from a consideration of any context in which it is at work, then one will more or less unwittingly fall into the mistake of thinking that the “meaning with which one uses a word” should be understood as a process that we experience while speaking or hearing the word». (J.Conant, «Wittgenstein on Meaning and Use», p. 239).

2) «Instead of putting a judgment together out of an individual as subject and an already previously formed concept as predicate, we do the opposite and arrive at a concept by splitting up the content of possible judgment. [...] But it doesn't follow that the ideas of these properties and relations are formed apart from their objects: on the contrary they arise simultaneously with the first judgment in which they are ascribed to things. Hence in the concept-script their designations never occur on their own, but always in combinations which express contents of possible judgment. [...] A sign for a property never appears without a thing to which it might belong being at least indicated, a designation of a relation never without indication of the things which might stand in it.» (Frege, *Posthumous Writings*, 15-17).

3) «“After he had said this, he left her as he did the day before.” – Do I understand this sentence? Do I understand it just as I should if I heard it in the course of a narrative? If it were set down in isolation I should say, I don't know what it's about. But all the same I should know how this sentence might perhaps be used: I could myself invent a context for it. (A multitude of familiar paths lead off from these words in every direction).» (Wittgenstein, *Philosophical Investigations*, §525).

#### Referências:

- Conant, James: «Wittgenstein on Meaning and Use». In *Philosophical Investigations*, vol.21, nº3, 1998.

- Frege, Gottlob: *Die Grundlagen der Arithmetik*. Stuttgart: Reclam, 1987.

- \_\_\_\_\_: *Posthumous Writings*. Ed. H.Hermes, F.Kambartel, and F.Kaulbach, University of Chicago Press: Chicago, 1979.

- Wittgenstein, Ludwig: *Tractatus Logico-Philosophicus*. Translated by C. K. Ogden. London: Kegan Paul, 1922.

- \_\_\_\_\_: *Philosophical Investigations*. Translated by G.E.M.Anscombe. Oxford: Blackwell, 2001.

- Recanati, François: *Literal Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- Recanati, François: «Literalism and Contextualism: Some Varieties». In G. Preyer and G. Peter (Eds.), *Contextualism in Philosophy*, Oxford: Oxford University Press, 2005.
- Travis, Charles: *Thought's Footing: Themes in Wittgenstein's Philosophical Investigations*. Oxford: Oxford University Press, 2006.